

Na canção “Ai, que coração”, foram encontrados os seguintes traços linguísticos: “abrandá”¹ (abrandar), “maginá” (imaginar), “lugá” (lugar), “qué” (quer), “namorá” (namorar), “senti” (sentir), “chorá” (chorar) e “tê” (ter). Para explicar essa seleção, utilizamos a afirmação de Castro:

Em banto e em iorubá, ao contrário do português padrão, as sílabas são abertas, sempre terminam em vogal (V), e não existem consoantes contíguas (CC). Por isso mesmo, a tendência do falante brasileiro é omitir a consoante em final de sílaba e desfazer os grupos consonantais pela intromissão de uma vogal (CC – CVC), através de um processo de adaptação morfofonológica, comparável ao das importações do português pelas línguas banto. (Castro, 2005, p. 116)

Aparecem ainda as palavras “mardade” (maldade) e “orvaiada” (orvalhada), com a supressão do “l” em troca pelo “r” e a supressão do “lh” em troca pelo “i”. Neste último, a palatal lateral “lh” é desconhecida das línguas africanas. A substituição do “l” pelo “r”, não está listada na publicação de Castro, mas recebeu aqui destaque, pois se relaciona ao falante não letrado. Há ainda a palavra “sá”, contração de senhora, que pode, ou não, ser uma africana.

Andréa Albuquerque Adour da Camara. **Africanias na obra de canto e piano de Luciano Gallet**

¹ As palavras que sofrem variação da norma culta do português estão entre aspas apenas para lhes conferir destaque, uma vez que entendemos que tais alterações pertencem a norma do português popular, não podendo assim ser consideradas como erro. Segundo Lucchesi: “o contato entre línguas afetou diretamente a formação dos padrões coletivos de fala da maioria da população do país (o que se denomina aqui norma popular) e só indiretamente a fala das classes economicamente privilegiadas, tradicionalmente chamada de norma culta” (LUCCHESI, 2009: p. 31)